
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

FESTA DA PADROEIRA EM ANADIA: LUGAR DE IDENTIDADE E MEMÓRIA

Gilvan Gomes das Neves*

Resumo

Esta pesquisa faz uma análise da Festa da Cultura a Nossa Senhora da Piedade, Padroeira de Anadia – AL. A festa é celebrada durante um novenário[1] e, no décimo dia, celebra-se uma missa solene pela manhã e, à tarde, é realizada uma procissão pelas ruas da cidade, com as imagens da Padroeira e dos demais santos. Devido às suas peculiaridades, é considerada uma das mais tradicionais festas de padroeiro do Estado de Alagoas, têm-se notícia sobre a mesma desde fevereiro de 1802. Para o alcance dos objetivos pretende-se, a partir do catolicismo popular, fazer uma análise das características que a compõem e um levantamento conceitual para a compreensão do contexto em que a festa se encontra e da memória coletiva de Anadia. Neste trabalho serão utilizadas fontes bibliográficas e a análise de fontes documentais (livro de tombo da paróquia, fotografias, entrevistas) de relevância para o aprofundamento do tema.

Palavras-chave: Catolicismo popular. Cultura. Devoção. Identidade. Festas. Memória.

Introdução

A cidade de Anadia está situada na região leste do Estado de Alagoas, distando 94 km de sua capital, Maceió. Com uma população estimada em 17.847 hab[2] e com uma incidência de pobreza de 60,70%[3]. Com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM), em 2010, de 0,568[4]. O nome original do município era Campos do Arrozal de Inhanhuns e, em 1801, quando foi elevado à categoria de vila, passou a ser chamada de Vila Nova de São João de Anadia, em homenagem ao Visconde de Anadia, ministro português que autorizou a criação da vila. A freguesia foi instalada em 1802. Segundo um historiador anadiense:

---

* Doutorando e Mestre em Ciências pela Unicap.

[1] Novenário ou novena é uma celebração religiosa do catolicismo popular muito comum no Nordeste: durante nove dias faz-se uma liturgia com preces, cantos religiosos e música profana, em louvor a um(a) santo(a) padroeiro (a).

[2] Fonte: IBGE, Censo demográfico, 2010.

[3] Fonte: IBGE, Censo demográfico, 2000 e Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF, 2002/2003.

[4] Fonte: Atlas Brasil, 2013 Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

> Campos de Arrozal de inhanhuns de S. João Nepomuceno, elevado a Vila e a freguesia no dia 18 de novembro de 1801, ofuscou-se com o pomposo título de um pomposo português, como ofuscada foi a memória do primeiro Camponês, que penetrando a amenidade de seu solo não pôs dúvida em chamar – Campos de Arrozal – serras, vales, prados, flores e tudo quanto em alegre panorama a natureza lhe mostrava. (JOBIM, 1801, p.51)

Porém, não se sabe ao certo quais foram os principais desbravadores. Há a hipótese do primeiro povoado ter sido precedido por famílias que migraram para a região, atraídas pelas planícies e pela boa produtividade do solo. Essa produtividade, aliás, pode ter atraído outros desbravadores que seguiram o curso do rio São Miguel, numa rota de exploradores. Conta a história que, durante o século XVII, uma imagem da Virgem da Piedade foi encontrada perto do povoado e, segundo a crença popular, fez com que o padroeiro do arraial, São João, fosse substituído por Nossa Senhora da Piedade.

> Campos do Arrozal de Inhanhuns, de sua criação dedicada ao milagroso S. João Nepomuceno; perdeu o seu Padroado nos princípios do século passado pelo achado da Imagem de Nossa Senhora da Piedade sobre uma pedra na Serra Morena, deixada por falecimento de um dos fugitivos do Quilombo dos Palmares, que aí vieram estabelecer-se e criarem-se em famílias. (JOBIM, 1801, p. 48[5])

[5] No Liberal n.° 20, de 1872, fiz publicar a lenda anadiense e a tradição histórica de N. S. da Piedade, que os velhos têm por verdadeira.

" Uma mulher, nascida no meado do último século e falecida há 16 anos, em suas recordações infantis nos contava que alcançou, nesta vila, então nascente povoado, uma casinha coberta de palha, onde o Cura de S. Miguel vinha celebrar missa por contrato com os habitantes: e lembrava-se a boa da velinha**(Será: a boa velhinha?)** que sua mãe empoava-lhe de véspera os cabelos para na madrugada seguinte irem encontrar a procissão de N. S. da Piedade, cuja imagem fugia da casinha e ia ser achada junto a uma pedra na Serra da Morena (fronteira à vila), onde morrera um dos descendentes dos fugitivos dos Palmares que para ali conduzira a dita imagem.

Os grandes festejos que se faziam, dizia a velha, com tiros, caixas e zabumbas, e ao mesmo tempo o desgosto, causado pelo desaparecimento da misteriosa imagem, deram lugar a uma formal promessa de edificar-se uma igreja, mudando-se de Padroado, que era de S. João para N. S. da Piedade e, nessa igreja, adorar-se e glorificar-se a pequena imagem.

José da Fonseca Barbosa e seu irmão Antônio Barbosa, homens mais ricos desse tempo, comprometeram-se a ser os primeiros condutores em seus carros das pedras e madeiras necessárias para a edificação da Capela de N. S. da Piedade se cessar-se **(Será: se cessasse**?) o maravilhoso desaparecimento.

A cidade de Anadia e sua breve história sociorreligiosa está inserida no universo de um catolicismo rústico, trazido pelos portugueses:

> O catolicismo foi, no passado colonial brasileiro, uma religião obrigatória: os que aqui nasciam o aceitavam por pressuposto de cidadania, exceto os indígenas, aos quais se exterminava ou se convertia. Os que aqui não nasciam tinham que adotá-lo, mesmo que não o compreendessem: os negros escravizados eram batizados no porto de procedência ou de desembarque. (NEGRÃO, 2008, p. 262)

Neste catolicismo rústico predominavam as festas religiosas, com suas rezas e celebrações, muitas vezes sem a presença do clero, que era escasso no Brasil do século XIX, e a sua maioria ficava nos centros urbanos, litorâneos, onde se vivia uma certa ortodoxia. Assim, o resto da colônia, os pequenos vilarejos e os bairros rurais, onde vivia dispersa uma população de baixa densidade, não contava com a presença de párocos locais.

> O padre passava por eles apenas de quando em quando, às vezes apenas uma vez ao ano, para a "desobriga": batizar os nascidos, casar os ajuntados, ouvir as confissões, rezar a missa. Essa configuração do empreendimento ao mesmo tempo. (NEGRÃO, 2008, p.263)

Também se pode dizer que "a missa da festa, que se manifesta quando o povo sente o poder da comunidade [...] se relaciona à imagem [...] música, movimento, cor e beleza" (HOORNAERT, 1969, p. 585).

Se é supersticiosa esta nossa narração não sabemos – o que há de certo é que, na Serra da Morena, três milhas distantes desta vila, ainda existe a descendência dos antigos habitadores [sic] dos Palmares, tipos originais de sua raça: aí fora a sua primeira situação, depois de destruído o Quilombo da Serra da Barriga. De 1765 datam os primeiros serviços de edificação da nossa Matriz, e desejos da criação da freguesia em ato continuado: em 18 de novembro de 1801 foi mandada erigir em vila com a denominação de S. João de Anadia, em honra ao visconde de Anadia, ministro português, que referendou o Alvará da criação da vila e a propôs. Em 20 de dezembro do mesmo ano foi posto em execução, e inaugurada a vila aos 21 fez-se a divisão do termo separando-se de S. Miguel e Atalaia. Em 1803 fundiram-se os 2 sinos, que foram doados a [sic] Matriz e a devoção de S. João Nepomuceno, primeira invocação desapareceu.
A Imagem de N. Senhora foi substituída por outra de vulto maior. A pequenina e antiga colocada ficou ao lado do Evangelho, esquecida....
Entretanto foi ela quem despertou o povo na edificação de sua Matriz anunciando-se no diserto [sic] para ser eterna mãe dos anadienses.
Ingratidão.
Em 1846 sacrilegamente a furtaram da Matriz e achada (não queremos dizer aonde) restituída foi por D. Maria Rosa Rodrigues Leite".

Daí se pode afirmar que a festa religiosa em Anadia é anterior à própria criação da freguesia, da paróquia, que é datada pelo Livro de Tombo, no. 02, do Arquivo Paroquial: "Em 1801 foi creada a freguezia de Nossa Senhora da Piedade na Villa de São João de Anadia [...] Criação do Bispo Dom José Joaquim da Cunha de Azevedo, [...] affirmam que foi creada a freguezia [sic] em 02 de fevereiro de 1802". Dia esse que datou a festa da Padroeira. A primeira providência foi prover a freguesia com um capelão: " Padre Francisco Ignácio de Araújo, Coadjutor da freguesia de S. Miguel, foi o primeiro nomeado para reger interinamente o Curato, e como tal prestou juramento e tomou posse" (JOBIM, 1801, p. 51).

Hoje, a festa da padroeira é o maior acontecimento da referida cidade, chegando a reunir quase 20.000 pessoas na procissão do dia 2 de fevereiro. "A Festa da Padroeira, no dia 2 de fevereiro, é um dos pontos altos do município, que recebe milhares de fiéis na já tradicional procissão"[6].

Foi a festa que eu conheci e, como diz o poeta anadiense: "Festa de N. Sra.da Piedade/ A rua cheinha de gente / E de barracas de palha... E os meus olhos de menino / Iam guardando maravilhados / Aqueles quadros que jamais se apagarão Da minha lembrança" (FAY, 2010, p. 28).

A festa, a cultura popular e a identidade

A festa de Nossa Senhora da Piedade representa a cultura de forma popular, ocorrendo a partir do dia 24 de janeiro, em um ambiente urbano em um segundo momento, e em um primeiro momento nas comunidades rurais, com a realização de novenas, nas quais, por meio de representações e significados, aflora a relação entre o sagrado e o profano, fazendo com que seus participantes exprimam valores simbólicos. Portanto, faz com que o sujeito não se veja somente como um participante, mas como parte integrante da celebração, provocando o afloramento de sentimentos

[6] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Anadia_Alagoas. Acesso em: 14 junho de 2016.

pessoais, um envolvimento emocional, o que contribuirá na formação de sua identidade cultural enquanto parte da festa.

Falar de cultura popular é falar de complexidade, pois se trata de um tema dos mais complexos, sua relação com a teoria se faz por meio de muitas controvérsias e sempre houve dificuldades para definir seus limites. De acordo com Abreu:

> Para muitos, está (ou sempre esteve) em crise, tanto em termos de seus limites para expressar uma dada realidade cultural, como em termos práticos, pelo chamado avanço da globalização, responsabilizada, em geral pela internacionalização de culturas. (2003, p.1)

Ainda assim, segundo o autor, com toda a sua complexidade a cultura se encontra em um patamar que a torna capaz de construir identidades e possuir história, mas sem haver um pensamento de que este conceito é uma fórmula imutável limitante, assim como todos os outros conceitos passaram por inúmeras significações durante quase toda a História.

> A partir dos anos 1940/1950, cultura popular assumiu uma perspectiva política associada aos populismos latino-americanos, [...]. O conceito também foi incorporado pela esquerda, principalmente na década de 60, tendo assumido um sentido de resistência de classe, [...]. O conceito poderia ser encontrado entre os intelectuais do cinema novo, da teologia da libertação, dos centros populares de cultura e entre os educadores ligados aos princípios de Paulo Freire. (ABREU, 2003, p. 3)

Daí, entende-se que, em um primeiro momento a cultura popular teve papel norteador de movimentos políticos em prol de mudanças sociais e de conferir à nação brasileira uma identidade nacional, e sendo reconhecido como tal pelas classes dominantes.

Hoje podemos afirmar que a cultura popular é feita de relações socioculturais envolvendo todas as classes de pessoas e grupos sociais. E é a partir deste pensamento que Garcia-Canclini nos lembra: "A transgressão da tradição é também, muitas vezes, vista com humor. Uma festa por exemplo, pode não acabar com as hierarquias, mas promove uma relação mais livre e criativa com as tradições herdadas" (2003, p.8).

Entretanto, por mais que façamos elaborações sobre a cultura popular, ainda nos falta entender o porquê da utilização desta expressão.

> O objetivo é colocar no centro da investigação as pessoas de baixa renda, geralmente identificadas e discriminadas socialmente pela cor da pele, pelo local de moradia, pelo modo de ser e vestir e pela pretensa criminalidade (GARCIA-CANCLINI, 2003, p. 8).

Burke (1989, p. 24) propõe uma concepção diferente de cultura popular quando diz que:

> Cultura seria um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados, e as formas simbólicas (representações – formas de comportamento, como festas e violência – e artefatos – construções culturais como categorias de doença ou política.

Mas, para que se possa promover a (re)construção de uma identidade cultural, torna-se imprescindível uma análise dos sujeitos que fazem parte da identidade já construída, como forma de perceber a sua interpretação sobre a sua própria identidade cultural.

Para Chartier (1990), o objeto da história cultural se faz por meio de identificação dos diferentes lugares e momentos da realidade social e a forma como é construída e pensada. Assim, ele afirma que:

> As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes (p. 20).

Por isso, buscamos compreender de que maneira as festas religiosas se constroem no seio da sociedade industrial e moderna, frente às adversidades do presente e as existentes no passado. Um trabalho que tem como objetivo conhecer as especificidades da festa de Anadia e perceber as permanências e ressignificações da cultura frente à festa e, desta forma, intuir como se estabelece o processo de representação na construção da identidade anadiense.

A construção da memória

É sabido a importância do conceito de memória para a formação de uma sociedade, pois é por meio dela que podemos manter vivas as tradições e costumes do passado, ou as suas representações. Segundo Le Goff:

> A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (1990, p. 364).

Ainda segundo o autor, a memória atinge inúmeras áreas de pesquisa, como a psicologia, a psicofisiologia, a biologia [...] (p. 364). Mas, a área que nos interessa está relacionada com a construção de uma tradição e as estratégias utilizadas na mesma que fazem com que perdure na transição dos tempos; neste sentido, a narrativa é uma das que contribuem para a permanência destas tradições, como é o caso da Festa de Nossa Senhora da Piedade. Ainda segundo Le Goff (1990, p. 365):

> [...] o ato mnemônico fundamental é o "comportamento narrativo" que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação. [...] Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória.

Portanto, é por meio da narrativa que passamos de geração a geração as nossas memórias, costumes e tradições, como culinária, vestuário, festas religiosas, que, no entanto, se modificam durante os anos, agregando novos ritos na tradição original, porém permanecendo as tradições. Assim, Diehl (2002) diz que "a narratividade abarca uma especificidade lógica do leque de relações da linguagem através da qual pessoas narram representações do passado pela historiografia e literatura" (p. 87).

Segundo o autor, toda narrativa se faz por meio de um discurso fundador que, desta forma, pode designar uma ampla constelação de elementos deste discurso.

> Neste sentido, discurso (logos) e anoma (que conhece), vinculando linguagem e história, articulam-se em combinações diferentes, resultando daí as várias tradições históricas que nada mais são do que traduções do passado. Em outras palavras, as narrativas são traduções e leituras diferentes do passado que, dependendo das combinações e ênfases variadas, possibilitam as mais diferenciadas leituras interpretativas do passado. Porém, todas as possíveis tradições possuem algo em comum. Todas elas demonstram ser incompletas e transitórias, mesmo que busquem a perfeição do passado. (DIEHL, 2002, p. 87)

Portanto, a memória se faz fundamental para a construção de qualquer sociedade, principalmente no que tange à permanência das tradições e costumes, pois é por meio dela que podemos preservar nossa cultura, e suas representações, fazendo com que ela seja passada de geração a geração, mantendo-se viva, mesmo em meio às transformações culturais que acontecem em todas as sociedades.

Considerações finais

É pela memória festiva, realizada e organizada há mais de duzentos anos, que a comunidade de Anadia busca fazer com que a festa dedicada à Nossa Senhora da Piedade dê certo e não caia em decadência. É com as representações que possuem registradas em suas memórias que os indivíduos mantêm, de forma criativa, a memória deste ritual.

Diante desses dados pode-se *interpretar* que tempo e espaço se organizam conforme as ordens de ocupações de um grupo, fato observado entre os devotos de Nossa Senhora da Piedade em Anadia. O estudo de uma festa religiosa, como exercício relativizador, pode ser capaz de revelar como é construída a identidade social de um povo

A religião e as festas religiosas têm papel importante na sociedade atual, na medida em que objetivam uma religação entre o homem e o divino, colocando o homem em contato com um tempo mítico, com a eternidade, fazendo-o relembrar e reviver as tradições de seus antepassados. O homem se tornando ator principal na construção de uma cultura popular capaz de atingir a todos, fazendo com que ele se sinta pertencente à sua sociedade, mesmo que seja por meio de uma relação de poder entre dominantes e subordinados. Entretanto, é a partir dessas relações que se pode construir um elo de ligação entre o ser humano e a coletividade à qual pertence. É a partir das festas que o sujeito se projeta e tenta criar sua própria identidade cultural e assim fortalece ainda mais a identidade do povo frente a si e à coletividade.

Assim sendo, pretendeu-se compreender como a festa de Nossa Senhora da Piedade em Anadia-AL se constitui como um importante acontecimento para a construção de uma identidade cultural do povo anadiense, com as peculiaridades e aspectos comuns que os caracterizam.

Referências

Primárias

ANADIA (Alagoas). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anadia_(Alagoas)>. Acesso em: 14 de jun. de 2016.

ARCHIVO parochial da Paróquia de Anadia. **Livro de Tombo,** n. 2, 1802. p. 1.

JOBIM, Nicodemos. **História de Anadia**. Maceió: Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, 1881. v. 1.

Secundárias

ABREU, Marta; SOIHET, Rachel**. Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologias**, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

GARCIA-CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas.** São Paulo: Edusp, 1997.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DIEHL, A. Antônio. **Cultura historiográfica:** memória, identidade e representação. Bauru: Edusc, 2002.

FAY, Emanoel. **Trilogia alagoana**. Maceió: Aalamagis, 2010.

HOORNAERT, Eduardo. Distinção entre "Lei" e "Religião" no Nordeste. **REB.** Petrópolis, v. 29, n. 3, p. 580-606, set. 1969.

LE GOFF, Jacques.**1924 História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.